



JOSEMARIA ESCRIVÁ

**PARA QUE TODOS
SE SALVEM**



JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

PARA QUE TODOS
SE SALVEM

(Homilia pronunciada em 16-IV-1954)

O TESOURO DO
TEMPO

(Homilia pronunciada em 9-I-1954)

EDIÇÕES QUADRANTE LTDA.

Outras obras do Autor:

Caminho, 4.^a edição

Questões Atuais do Cristianismo, 2.^a edição

É Cristo que passa

Homilias:

O triunfo de Cristo na humildade

O matrimônio cristão

A morte de Cristo, vida do cristão

Vida de oração

Todos os direitos reservados a Edições Quadrante Ltda.
Rua Alves Guimarães, 649 — São Paulo

O A U T O R

Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer nasceu em Barbastro (Espanha) a 9 de janeiro de 1902, e faleceu em Roma, em odor de santidade, a 26 de junho de 1975.

Ordenado sacerdote em 28 de março de 1925, iniciou a sua atividade pastoral em paróquias rurais, continuando-a depois pelos bairros pobres e pelos hospitais de Madrid, e entre os estudantes universitários. A 2 de outubro de 1928, fundou o Opus Dei, associação católica internacional que desde o princípio contou com a aprovação da hierarquia diocesana e entre 1943 e 1950 recebeu todas as aprovações da Santa Sé. A partir de 1928, a vida de Mons. Escrivá de Balaguer identifica-se com a história e o desenvolvimento do Opus Dei, a que atualmente pertencem homens e mulheres de 80 países.

Mons. Escrivá de Balaguer era Doutor em Direito pela Universidade de Madrid, Doutor em Teologia pela Universidade do Laterano (Roma), Doutor honoris causa pela Universidade de Saragoça, Grão-Chanceler das Universidades de Navarra (Pamplona, Espanha) e Piura (Peru). Foi também Superior do Seminário de Saragoça, professor de Filosofia e Ética Profissional na Escola de Jornalismo de Madrid e professor de Direito Romano em Saragoça e

Madrid. Prelado de Honra de Sua Santidade e membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia, trabalhou como Consultor da Sagrada Congregação de Seminários e Universidades e da Comissão Pontifícia para a interpretação autêntica do Código de Direito Canônico.

Entre os seus escritos publicados, contam-se, além de diversos estudos históricos e jurídicos, como La Abadesa de Las Huelgas, livros de espiritualidade que foram traduzidos para numerosas línguas: Caminho, Santo Rosário, É Cristo que passa. Sob o título Questões Atuais do Cristianismo, publicaram-se também algumas das entrevistas que concedeu à imprensa.

A partir de 1946, residiu em Roma como Presidente Geral do Opus Dei. Seu corpo repousa na Cripta do Oratório de Santa Maria da Paz, na sede central da Associação em Roma, continuamente acompanhado pela oração e pelo agradecimento das inúmeras pessoas de todo o mundo que se aproximaram de Deus atraídas pelo exemplo e pelos ensinamentos do Fundador do Opus Dei.

PARA QUE TODOS SE SALVEM

A vocação cristã, que é um chamamento pessoal do Senhor, leva cada um de nós a identificar-se com Ele. Mas não devemos esquecer que Ele veio à terra para redimir o mundo inteiro, porque “quer que os homens se salvem” (I Tim 2, 4). Não há nenhuma alma que não interesse a Cristo. Cada uma lhe custou o preço do seu Sangue (cfr. I Petr 1, 18-19).

Ao considerar estas verdades, vem-me à memória a conversa dos Apóstolos com o Mestre, momentos antes do milagre da multiplicação dos pães. Uma grande multidão acompanhara Jesus. Nosso Senhor ergue os olhos e pergunta a Filipe: “Onde compraremos pão para dar de comer a toda esta gente?” (Ioh 6, 5). Fazendo um cálculo rápido, Filipe responde: “Duzentos denários de pão não bastam para que cada um receba um pequeno bocado” (Ioh 6, 7). Como não dispõem de tanto dinheiro, lançam mão de uma solução caseira: “Diz-lhe um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro: Está aqui um rapaz que

tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tanta gente?” (Ioh 6, 8-9).

O fermento e a massa

Nós queremos seguir o Senhor e desejamos difundir a sua Palavra. Se raciocinarmos em termos humanos, é lógico que também nos perguntemos: mas que somos nós para tanta gente? Em comparação com o número de habitantes da terra, ainda que nos contemos por milhões, somos poucos. Por isso, temos de considerar-nos como uma pequena levedura, disposta e preparada para fazer o bem à humanidade inteira, recordando as palavras do Apóstolo: “Um pouco de levedura fermenta toda a massa” (I Cor 5, 6). Transforma-a. Precisamos, portanto, de aprender a ser esse fermento, essa levedura, para modificar e transformar as multidões.

Por si mesmo, o fermento é melhor do que a massa? Não. Mas é o meio necessário para que a massa se transforme, tornando-se alimento comestível e são.

Pensemos, a traços largos, na eficácia do fermento, que serve para fazer o pão, alimento básico, simples, ao alcance de todos. A preparação da fornada, em muitos lugares, é uma verdadeira cerimônia, e dali sai um produto esplêndido, sabo-

roso, que se come com os olhos... Talvez já o tenhamos presenciado. Escolhem farinha boa; se é possível, da melhor. Trabalham a massa na masseira, para a misturar bem com o fermento, em longo e paciente labor. Depois, um tempo de repouso, imprescindível para que a levedura complete a sua missão, inchando a massa. Entretanto, arde o lume no forno, animado pela lenha que se consome... E daquela massa, metida no calor do lume, sai o pão fresco, esponjoso, de grande qualidade. Resultado impossível de alcançar, se não fosse pela levedura — em pequena quantidade — que se diluiu, que desapareceu no meio dos outros elementos, num trabalho eficiente, mas que não se vê...

Se meditarmos com sentido espiritual no texto de São Paulo, compreenderemos que não temos outro jeito senão trabalhar, a serviço de todas as almas. O contrário seria egoísmo. Um olhar humilde sobre a nossa vida faz-nos perceber claramente que o Senhor, além da graça da fé, nos concedeu talentos e qualidades. Nenhum de nós é um ser repetido. Nosso Pai criou-nos um a um, repartindo entre os seus filhos um número diverso de bens. Pois temos de pôr esses talentos, essas qualidades, ao serviço de todos; temos de utilizar esses dons de Deus como instrumentos para ajudar os homens a descobrir Cristo.

Não vejamos este propósito como uma coisa supérflua, como se tratasse de adornar com filigranas a nossa condição de cristãos. Se a levedura não fermenta, apodrece. Pode desaparecer, reavivando a massa; mas pode também desaparecer porque se perde, num monumento à ineficácia e ao egoísmo. Não prestamos um favor a Deus Nosso Senhor quando O damos a conhecer aos outros: “Se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois é uma necessidade que me é imposta”. por vontade de Jesus Cristo, e “ai de mim se não evangelizasse!” (I Cor 9, 16).

Fainas da pesca

“Eis que mandarei muitos pescadores, promete o Senhor, e pescarei esses peixes” (Ierem 16, 16). Assim nos indica Deus o nosso grande trabalho: pescar.

Fala-se ou escreve-se, às vezes, comparando o mundo com o mar. E há muita verdade nessa comparação. Na vida humana, tal como no mar, há períodos de calma e períodos de borrasca, de tranqüilidade e de forte ventania. Muitas vezes, os homens nadam em águas amargas, no meio de grandes vagas; caminham entre tormentas; viajam cheios de tristeza, mesmo quando parece que têm alegria, mesmo quando falam ruidosamente:

são gargalhadas que pretendem encobrir o seu desalento, o seu desgosto, a sua vida sem caridade nem compaixão... E devoram-se uns aos outros, tanto os homens como os peixes...

É missão dos filhos de Deus conseguir que todos os homens entrem — com liberdade — dentro da rede divina, para que se amem. Se somos cristãos, temos de converter-nos nos pescadores de que fala o profeta Jeremias, servindo-se de uma metáfora que o próprio Cristo utilizou repetidamente: “Se-gui-me, e Eu vos farei pescadores de homens”, diz a Pedro e a André (Mt 4, 19).

Acompanhemos Jesus nesta pesca divina. Jesus está junto do lago de Genesaré e as multidões comprimem-se à sua volta, “ansiosas de ouvir a palavra de Deus” (Lc 5, 1). Tal como hoje! Não o vemos? Estão desejosas de ouvir a mensagem de Deus, embora o dissimulem exteriormente. Talvez alguns se tenham esquecido da doutrina de Cristo; talvez outros — sem culpa própria — nunca a tenham aprendido, e olhem para a religião como uma coisa estranha. Mas convençamo-nos de uma realidade sempre atual: chega sempre um momento em que a alma não pode mais; em que não lhe bastam as explicações vulgares; em que não lhe satisfazem as mentiras dos falsos profetas. E, mesmo que nem então o admitam, essas pessoas sentem fome de saciar a sua inquietação com os ensinamentos do Senhor.

Deixemos São Lucas continuar a sua narrativa: “E viu duas barcas à beira do lago; e os pescadores tinham saído e lavavam as redes. Entrando numa das barcas, que era a de Simão Pedro, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra. E, sentando-se dentro, ensinava o povo da barca” (Lc 5, 2-3). Quando acabou a sua catequese, ordenou a Simão: “Faz-te mais ao largo e lançaí as vossas redes para pescar” (Lc 5, 4). É Cristo o dono da barca; é Ele quem prepara a faina. Para isso é que veio ao mundo: para cuidar de que os seus irmãos descobrissem o caminho da glória e do amor ao Pai. Não fomos nós, portanto, que inventamos o apostolado cristão. Nós, os homens, quando muito, o dificultamos, com os nossos modos desastrados, com a nossa falta de fé.

“Replicou-lhe Simão: Mestre, estivemos trabalhando durante toda a noite e não apanhamos nada” (Lc 5, 5). A resposta de Simão parece razoável. Costumavam pescar à noite e, precisamente naquela ocasião, a noite tinha sido infrutífera. Para que haviam de pescar de dia? Mas Pedro tem fé: “Porém, sob a tua palavra, lançarei a rede” (Lc 5, 5). Resolve proceder como Cristo lhe sugeriu; compromete-se a trabalhar, fiado na Palavra do Senhor. E que acontece? “Tendo feito isto, apanharam tão grande quantidade de peixes, que a rede se rompia. Então fizeram sinal aos companheiros que estavam na outra barca, para

que os viessem ajudar. Vieram e encheram tanto as duas barcas, que pouco faltou para que se afundassem” (Lc 5, 6-7).

Ao sair para o mar com os seus discípulos, Jesus não pensava só nesta pesca, porque, quando Pedro se lança aos seus pés e confessa com humildade: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador”, Nosso Senhor responde-lhe: “Não temas; de hoje em diante será pescador de homens” (Lc 5, 8 e 10). E, nessa nova pesca, também não há de faltar a eficácia divina, pois, apesar das suas misérias pessoais, os Apóstolos serão instrumentos de grandes prodígios.

Os milagres repetem-se

Atrevo-me a assegurar que também o Senhor fará de nós instrumentos capazes de realizar milagres, e até, se for preciso, dos mais extraordinários, se lutarmos diariamente por alcançar a santidade, cada um no seu próprio estado, dentro do mundo e no exercício da sua profissão, na vida normal e corrente.

Daremos luz aos cegos. Quem não poderia contar mil casos de cegos, quase de nascença, que recobram a vista, recebendo todo o esplendor da luz de Cristo? E de outros que eram surdos, e outros mudos, que não podiam ouvir ou articular uma palavra como filhos de Deus?... E que pu-

rificaram os seus sentidos, e já ouvem e se exprimem como homens; não como animais!

In nomine Iesu! (Act 3, 6), em nome de Jesus, os seus Apóstolos dão a capacidade de andar àquele aleijado que era incapaz de uma ação útil... E àquele outro, um poltrão, que conhecia as suas obrigações, mas não as cumpria... Em nome do Senhor, *surge et ambula!*; levanta-te e caminha! (Act 3, 6). E um outro, já morto, apodrecido, que tresandava a cadáver, também ouviu a voz de Deus, como no milagre do filho da viúva de Naim: “Rapaz, eu te ordeno: levanta-te!” (Lc 7, 14). Faremos milagres como os de Cristo, milagres como os dos primeiros Apóstolos.

Talvez esses prodígios se tenham operado em ti mesmo, em mim... Talvez fôssemos cegos, ou surdos, ou paralíticos, ou cheirássemos a cadáver, e a palavra do Senhor nos levantou da nossa prostração... Pois bem: se amamos a Cristo, se O seguimos com sinceridade, se não procuramos a nós mesmos, mas unicamente a Ele, em seu nome poderemos transmitir aos outros, de graça, o que de graça nos foi concedido.

Tenho pregado constantemente sobre esta capacidade sobrenatural e humana que Deus, nosso Pai, pôs nas mãos de seus filhos: a de participar na Redenção operada por Cristo. E enche-me de alegria encontrar esta mesma doutrina nos textos

dos Padres da Igreja. São Gregório Magno explica: “Os cristãos expulsam as serpentes quando arrancam o mal do coração dos outros com a exortação ao bem comum... Impõem as mãos sobre os enfermos quando vêem que o próximo se enfraquece na prática do bem e lhe oferecem ajuda de mil maneiras, robustecendo-o com a força do exemplo. Estes milagres são tanto maiores quanto se passam no campo espiritual, dando vida, não aos corpos, mas às almas. Também vós, se não vos desleixardes, podereis operar estes prodígios com a ajuda de Deus” (*In Ev. Hom.*, 29, 4).

Deus quer que todos se salvem, e isso é um convite e uma responsabilidade que pesam sobre cada um de nós. A Igreja não é um reduto de privilegiados. “A grande Igreja será porventura uma exígua parte da terra? A grande Igreja é o mundo inteiro” (Santo Agostinho, *Enarrationes in psalmos*, 21, 2, 26). Assim escrevia Santo Agostinho, acrescentando: “Onde quer que te dirijas, aí está Cristo. Tens por herança os confins da terra. Vem! Toma posse dela toda comigo” (*op. cit.* 21, 2, 30).

Recordamo-nos de como estavam as redes? Carregadas, ao ponto de transbordar. Não cabiam mais peixes. Deus espera ardentemente que se encha a sua casa (cfr. Lc 14, 23). É Pai, e gosta de viver com todos os filhos ao seu redor.

Apostolado na vida corrente

Vejam agora aquela outra pesca que se deu depois da Paixão e Morte de Jesus Cristo.

Pedro negou três vezes o Mestre e chorou com dor humilde. O galo, com o seu canto, recordou-lhe as advertências do Senhor e ele pediu perdão do fundo da alma. Enquanto espera, contrito, na promessa da Ressurreição, exerce o seu ofício e vai pescar. “A propósito desta pesca, perguntam-nos com freqüência por que é que Pedro e os filhos de Zebedeu voltaram à ocupação que tinham antes de o Senhor os ter chamado. Efetivamente, eram pescadores quando o Senhor lhes disse: ‘Segue-me e Eu vos farei pescadores de homens’. Aos que se surpreendem com esta conduta, deve-se responder que não estava proibido aos Apóstolos exercerem a sua profissão, visto que se tratava de coisa legítima e honesta” (Santo Agostinho, *In Ioan. Ev. tract.*, 122, 2).

O apostolado, essa ânsia que devora o cristão, não é coisa separada do trabalho de todos os dias; identifica-se com esse mesmo trabalho, convertido em ocasião de encontro pessoal com Cristo. Nessas ocupações, ombro a ombro com os nossos colegas, com os nossos parentes, lutando pelos mesmos interesses, podemos ajudá-los a chegar a Cristo, que nos espera na margem do lago.

Antes de ser apóstolo, pescador. Pescador depois de ser apóstolo. Antes e depois, a mesma profissão. Que mudança há então? Há mudança na alma, porque nela entrou Cristo, tal como entrou na barca de Pedro. Abrem-se horizontes mais amplos, maior ambição de servir, e um desejo irremediável de anunciar a todas as criaturas as *magnalia Dei* (Act 2, 11), as coisas maravilhosas que o Senhor faz, se Lhe permitimos que as faça.

A este propósito, não posso deixar de recordar que o *trabalho*, digamos, *profissional* dos sacerdotes é um *ministério divino e público*, que absorve com um caráter de exigência toda a sua atividade. Pode-se dizer até, de um modo geral, que, se um sacerdote se encontra com tempo de sobra para trabalhos que não sejam propriamente sacerdotais, pode ter a certeza de que não cumpre os deveres do seu ministério.

“Estavam juntos Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, e Natanael, que era de Caná da Galileia, e os filhos de Zebedeu, e outros dois dos seus discípulos. Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Responderam-lhe: Também nós vamos contigo. Partiram e entraram numa barca: e naquela noite nada apanharam. Chegada a manhã, Jesus apresentou-se na praia” (Ioh 21, 2-3).

Passa ao lado dos seus Apóstolos, junto daquelas almas que se lhe entregaram... E eles não se dão

conta disso! Quantas vezes está Cristo, não perto de nós, mas dentro de nós, e temos uma vida tão humana! Cristo está ao nosso lado, e não recebe um olhar de carinho, uma palavra de amor, uma obra de zelo por parte de seus filhos!

“Os discípulos, todavia — escreve São João —, não conheceram que era Jesus. Disse-lhes, pois, Jesus: Moços, tendes alguma coisa que comer?” (Ioh 21, 5). Esta cena tão familiar de Cristo cumula-me de alegria. Que diga isso Jesus Cristo, Deus! Ele, que já tem corpo glorioso! “Lançai a rede para o lado direito da barca, e encontrareis. Lançaram a rede e já não a podiam tirar por causa da grande quantidade de peixes” (Ioh 21, 6). Agora compreendem. Vem-lhes à memória o que tantas vezes tinham ouvido dos lábios do Mestre: pescadores de homens, apóstolos!... E compreendem que tudo é possível, porque é Ele quem dirige a pesca.

“Então aquele discípulo que Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor!” (Ioh 21, 7). O amor vê de longe. O amor é o que primeiro capta essas delicadezas. O Apóstolo adolescente, com o firme carinho que sentia por Jesus, pois amava a Cristo com toda a pureza e toda a ternura de um coração que nunca se corrompera, exclamou: É o Senhor!

“Simão Pedro, mal ouviu dizer que era o Senhor, cingiu a túnica e lançou-se ao mar” (Ioh 21,

7). Pedro é a fé. E lança-se ao mar, com uma audácia maravilhosa. Com o amor de João e a fé de Pedro, onde podemos nós chegar!

As almas são de Deus

“Os outros discípulos foram com a barca, porque não estavam distantes de terra senão duzentos côvados, e tiraram a rede cheia de peixes” (Ioh 21, 8). Em seguida, põem a pesca aos pés do Senhor, porque ela Lhe pertence: para que aprendamos que as almas são de Deus, que ninguém nesta terra pode atribuir a si mesmo essa propriedade, que o apostolado da Igreja — a palavra e a realidade da salvação — não se baseia no prestígio desta ou daquela pessoa, mas na graça divina.

Jesus Cristo interroga Pedro por três vezes, como se lhe quisesse dar a repetida oportunidade de reparar a sua tripla negação. Pedro já aprendeu, escarmentado à custa da sua própria miséria: está profundamente convencido de que são inúteis aqueles seus alardes temerários; tem consciência da sua debilidade. Por isso, põe tudo nas mãos de Cristo: “Senhor, tu sabes que eu te amo... Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo” (Ioh 21, 15-17). E que responde Cristo? “Apascenta os meus cordeiros; apascenta as minhas ovelhas” (Ioh 21, 15-17). Não as tuas, não as nossas; as

minhas! Porque foi Ele quem criou o homem, Ele quem o redimiu, Ele quem comprou cada alma, uma a uma — repito — ao preço do seu Sangue.

Quando os donatistas, no século V, lançavam os seus ataques contra os católicos, diziam ser impossível que o bispo de Hipona, Agostinho, professasse a verdade, porque tinha sido um grande pecador. E Santo Agostinho sugeria aos seus irmãos na fé como haviam de replicar: “Agostinho é bispo na Igreja Católica. Ele leva a carga, de que há de prestar contas a Deus. Conheci-o entre os bons. Se é mau, ele o sabe; se é bom, nem por isso deposito nele a minha esperança. Porque a primeira coisa que aprendi na Igreja Católica foi a não pôr a minha esperança num homem” (Santo Agostinho, *En. in ps.*, 36, 3, 20).

Não fazemos o *nosso* apostolado. Então, como havemos de dizer? Fazemos — porque Deus o quer, porque assim no-lo mandou: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho” (Mc 16, 15) — o apostolado de Cristo. Os erros são nossos; os frutos, do Senhor.

Audácia para falar de Deus

E como realizaremos esse apostolado? Antes de mais, com o exemplo, vivendo de acordo com a Vontade do Pai, tal como Jesus Cristo no-lo revelou com a sua vida e os seus ensinamentos. Fé

verdadeira é aquela que não permite que as ações contradigam o que se afirma com as palavras. Devemos medir a autenticidade da nossa fé examinando a nossa conduta pessoal. Se não nos esforçamos por realizar com os nossos atos o que confessamos com os lábios, não somos sinceramente crentes.

Vem agora a propósito recordar um episódio que põe em evidência o esplêndido vigor apostólico dos primeiros cristãos. Não tinha passado um quarto de século desde que Jesus subira aos céus, e já em muitas cidades e povoados se propagava a sua fama. Chega a Éfeso um homem chamado Apolo, “varão eloqüente e versado nas Escrituras. Estava instruído no caminho do Senhor, pregava com fervor de espírito e ensinava com exatidão o que dizia respeito a Jesus, embora só conhecesse o batismo de João” (Act 18, 24-25).

Na mente desse homem já se tinha insinuado a luz de Cristo. Ouvira falar dEle e anuncia-O aos outros. Mas ainda lhe faltava um pouco de caminho para se informar melhor, para abraçar totalmente a fé e amar de veras o Senhor. Áquila e Priscila, um casal de cristãos, ouvem as suas palavras e não ficam inativos e indiferentes. Não pensam: este já sabe bastante; ninguém nos manda dar-lhe lições. Como eram almas com autêntica preocupação apostólica, foram ter com Apolo,

“levaram-no consigo e instruíram-no mais acuradamente na doutrina do Senhor” (Act 26, 18, 26).

Admiremos também o comportamento de São Paulo: preso por divulgar os ensinamentos de Cristo, não desaproveita ocasião alguma para difundir o Evangelho. Diante de Festo e Agripa, não duvida em declarar: “Graças ao auxílio de Deus, perseverarei até o dia de hoje em dar testemunho da verdade a pequenos e grandes, nada pregando senão o que Moisés e os profetas disseram que havia de suceder: que o Messias havia de padecer, e que seria o primeiro a ressuscitar dos mortos, e anunciar a luz a este povo e aos gentios (Act 26, 22-23).

O Apóstolo não se cala, não oculta a sua fé nem a atividade apostólica que tinha provocado o ódio dos seus perseguidores; continua a anunciar a salvação a toda a gente. E, com uma audácia maravilhosa, interpela Agripa: “Crês, ó rei Agripa, nos profetas? Eu sei que crês” (Act 26, 27). Quando Agripa comenta: “Por pouco não me persuades a fazer-me cristão”, Paulo responde: “Prouvera a Deus que, por pouco ou muito, não somente tu, mas também quantos me ouvem se fizessem hoje tais como eu sou, menos estas cadeias” (Act 26, 28-29).

Donde tirava São Paulo esta força? “Tudo posso naquele que me conforta!” (Phil 4, 13). Tudo

posso, porque só Deus me dá esta fé, esta esperança, esta caridade. Custa-me muito acreditar na eficácia sobrenatural de um apostolado que não esteja apoiado, solidamente alicerçado, numa vida de contínua intimidade com o Senhor. E isto no meio do trabalho, sim; dentro de casa ou no meio da rua, com todos os problemas mais ou menos importantes que surgem todos os dias. Ali, não fora dali, mas com o coração em Deus. E então as nossas palavras e as nossas ações — e até as nossas misérias! — exalarão o *bonus odor Christi*, o bom odor de Cristo (II Cor 2, 15), que os outros forçosamente hão de sentir: aí está um verdadeiro cristão.

Se cedesses à tentação de perguntar a ti mesmo: quem me manda a mim meter-me nisto?, teria de responder-te: quem te manda — quem te pede — é o próprio Cristo. “A messe é grande, e os operários, poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que mande operários para a sua messe” (Mt 9, 37-38). Não conluas comodamente: eu não sirvo para isso; para isso já há outros; não estou feito para isso... Não. Para isso não há outros. Se tu pudesses falar assim, todos poderiam dizer o mesmo. O pedido de Cristo dirige-se a todos e cada um dos cristãos. Ninguém está dispensado: nem por razões de idade, nem de saúde, nem de ocupação. Não há desculpas de nenhum gênero.

Ou produzimos frutos de apostolado, ou a nossa fé será estéril.

E depois, quem disse que para falar de Cristo, para difundir a sua doutrina, era preciso fazer coisas esquisitas, fora do comum? Faz a tua vida normal; trabalha onde estás, procurando cumprir os deveres do teu estado, acabar bem as tarefas da tua profissão ou do teu ofício, superando-te, melhorando dia a dia. Sê mortificado e alegre. Esse será o teu apostolado. E, sem saberes porquê, dada a tua pobre miséria, os que te rodeiam virão ter contigo e, numa conversa natural, simples — à saída do trabalho, numa reunião familiar, no ônibus, ao dar um passeio, em qualquer parte —, falareis de inquietações que existem em todas as almas, embora às vezes alguns não as queiram reconhecer: haverão de compreendê-las melhor quando começarem a procurar Deus a sério.

Pede a Maria, *Regina apostolorum*, Rainha dos Apóstolos, que te decidas a participar nas ânsias *de sementeira e de pesca* que palpitam no Coração do seu Filho.

Eu te asseguro que, se começares, terás a barca cheia, como os pescadores da Galiléia. E Cristo na margem, à tua espera. Porque a pesca é dEle.

O TESOURO DO TEMPO

Gosto sempre de lembrar que, quando me dirijo a vós, quando conversamos todos juntos com Deus Nosso Senhor, estou fazendo a minha oração pessoal em voz alta. Pela vossa parte, deveis esforçar-vos também por alimentar a vossa oração dentro das vossas almas, mesmo quando, por qualquer circunstância, como, por exemplo, a de hoje, tenhamos necessidade de tratar de um tema que, à primeira vista, não parece muito adequado para um diálogo de amor — que isso é o nosso colóquio com o Senhor. Digo à *primeira vista*, porque tudo o que nos acontece, tudo o que se passa ao nosso lado, pode e deve ser tema da nossa meditação.

Tenho de falar-vos do tempo, deste tempo que vai passando. Não vou repetir a conhecida afirmação de que um ano a mais é um ano a menos... Nem sequer vos sugiro que pergunteis por aí fora o que é que pensam da passagem dos dias, pois provavelmente — se o fizésseis — ouviríeis alguma resposta deste estilo: *juventude, divino tesouro, que vais para não voltar...* Embora admi-

ta que talvez ouvísseis também uma ou outra consideração com mais sentido sobrenatural.

Também não quero deter-me a pensar na brevidade da vida, com laivos de nostalgia. Para nós, cristãos, a fugacidade do caminho terreno deveria incitar-nos a aproveitar melhor o tempo; não a temer Nosso Senhor, e muito menos a olhar a morte como um final desastroso. Um ano que termina — já foi dito de mil modos, mais ou menos poéticos —, com a graça e a misericórdia de Deus, é mais um passo que nos aproxima do Céu, da nossa Pátria definitiva.

Ao pensar nesta realidade, compreendo perfeitamente aquela exclamação que São Paulo escreve aos de Corinto: *tempus breve est!* (I Cor. 7, 29), como é breve a nossa passagem pela terra! Estas palavras, para um cristão coerente, soam, no mais íntimo do seu coração, como uma censura perante a falta de generosidade e como um convite constante a ser leal. Realmente, é curto o nosso tempo para amar, para dar, para desagrar. Não é justo, portanto, que o malbaratemos, nem que atiremos irresponsavelmente este tesouro pela janela fora. Não podemos desperdiçar esta etapa do mundo que Deus confia a cada um de nós.

Abramos o Evangelho de São Mateus, no capítulo vigésimo quinto: “Então será semelhante o reino dos céus a dez virgens que, tomando as suas

lâmpadas, saíram ao encontro do esposo e da esposa. Mas cinco delas eram néscias, e cinco prudentes” (Mt 25, 1-2). O evangelista conta que as prudentes aproveitaram o tempo. Aproveisionam discretamente o azeite necessário e estão preparadas quando as avisam: Está na hora! “Eis que vem o esposo; saí ao seu encontro” (Mt 25, 6): acendem as suas lâmpadas e apressam-se a recebê-lo com alegria.

Há de chegar também para nós esse dia, que será o último e que não nos causa medo. Confiando firmemente na graça de Deus, estamos dispostos desde este momento, com generosidade, com fortaleza, com amor nas pequenas coisas, a acudir a esse encontro com o Senhor, levando as lâmpadas acesas. Porque nos espera a grande festa no Céu. “Somos nós, irmãos queridíssimos, os que intervimos nas bodas do Verbo. Nós, que já temos fé na Igreja, que nos alimentamos com a Sagrada Escritura, que nos sentimos contentes porque a Igreja está unida a Deus. Pensai agora, peço-vos, se viestes a esta boda com o traje nupcial: examinai atentamente os vossos pensamentos” (São Gregório Magno, *In Matth. Hom.*, 38, 11). Asseguro-vos — e também o asseguro a mim mesmo — que esse traje de cerimônia estará tecido com o amor de Deus que tivermos sabido colher até nas menores tarefas. Porque é próprio dos

apaixonados cuidar dos detalhes, mesmo nas ações que aparentemente não têm importância.

Mas voltemos à seqüência da parábola. E as néscias, que fazem? A partir desse momento, já se empenham em preparar-se para esperar o Esposo, pois vão comprar azeite. Mas decidiram-se tarde e, enquanto iam, “chegou o esposo; e as que estavam preparadas entraram com ele a celebrar as bodas, e fechou-se a porta. Mais tarde, vieram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos!” (Mt. 25, 10-11). Não é que tivessem permanecido inativas, porque tentaram fazer alguma coisa... Mas ouviram a voz que lhes responde com dureza: “Não vos conheço” (Mt. 25, 12). Não souberam ou não quiseram preparar-se com a solicitude devida e esqueceram-se de tomar a razoável precaução de adquirir o azeite a tempo. Faltou-lhes generosidade para cumprirem acabadamente o pouco que lhes tinha sido pedido. Tinham tido muitas horas à sua disposição, mas desaproveitaram-nas.

Pensemos na nossa vida com valentia. Por que não conseguimos, às vezes, os minutos de que precisamos para terminar amorosamente o nosso trabalho, que é o meio da nossa santificação? Por que descuidamos as obrigações familiares? Por que nos entra a precipitação à hora de rezar ou de assistir ao Santo Sacrifício da Missa? Por que

nos falta a serenidade e a calma para cumprir os deveres do nosso estado, e nos entretemos sem qualquer pressa nos caprichos pessoais? Podemos responder: são ninharias. Sim, com efeito; mas essas ninharias são o azeite que mantém viva a chama e acesa a luz.

Desde a primeira hora

“O reino dos céus é semelhante a um pai de família que, ao romper da manhã, saiu a contratar operários para a sua vinha” (Mt. 20, 1). Conhecemos já a narrativa: aquele homem volta à praça em diferentes ocasiões para contratar trabalhadores; uns são chamados ao romper da aurora, outros muito perto da noite.

Todos recebem um denário: “o salário que te tinha prometido, isto é, a minha imagem e semelhança. No denário está gravada a imagem do Rei” (São Jerônimo, *Commentariorum in Matthaem libri IV, III, Corpus Christianorum, LXXVII, 176*). Esta é a misericórdia de Deus, que chama a cada um de acordo com as suas circunstâncias pessoais, porque *quer que todos os homens se salvem* (I Tim. 2, 4). Mas nós nascemos cristãos, fomos educados na fé, fomos escolhidos claramente pelo Senhor. Esta é a realidade. Então, quando nos sentimos chamados a corresponder, mesmo que seja à última hora, podemos continuar na

praça pública tomando sol, como muitos daqueles operários, porque lhes sobrava tempo?

Não nos deve sobrar o tempo. Nem um segundo. E não exagero! Trabalho há sempre. O mundo é grande e são milhões as almas que não ouviram ainda falar claramente da doutrina de Cristo. Dirijo-me a cada um de vós. Se te sobra tempo, reconsidera um pouco: é muito possível que vivas metido na tibieza, ou que, sobrenaturalmente, sejas um paralítico. Não te mexes, estás parado, estéril, sem realizar todo o bem que deverias comunicar aos que se encontram a teu lado, no teu ambiente, no teu trabalho, na tua família.

Dir-me-ás talvez: e por que havia eu de me esforçar? Não sou eu quem te responde, mas São Paulo: “O amor de Cristo urge-nos” (II Cor. 5, 14). Todo o espaço de uma existência é pouco para dilatar as fronteiras da tua caridade. Desde os primeiríssimos começos do Opus Dei, manifestei o meu grande empenho em repetir sem descanso, para as almas generosas que se decidissem a traduzi-lo em obras, aquele grito de Cristo: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Ioh 13, 35). Conhecer-nos-ão precisamente por isso, porque a caridade é o ponto de arranque de qualquer atividade de um cristão.

Ele, que é a própria pureza, não garante que conheçam os seus discípulos pela limpeza da sua vida. Ele, que é a sobriedade, que nem sequer dispõe de uma pedra onde reclinar a cabeça (cfr. Mt. 8, 20), que passou tantos dias em jejum e em retiro (cfr. Mt. 4, 2), não diz aos Apóstolos: conhecer-vos-ão como meus escolhidos porque não sois comilões nem bebedores.

A vida sem mancha de Cristo era — como foi e será em todas as épocas — uma bofetada na sociedade de então, como a de agora com frequência tão podre. A sua sobriedade, outro látigo para aqueles que se banquetevam continuamente e provocavam o vômito depois de se fartarem, para poderem continuar a comer, cumprindo à letra as palavras de Saulo: convertem o seu ventre num Deus (cfr. Phil 3, 19).

A humildade do Senhor era outro golpe para aquele modo de consumir a vida, ocupado cada um apenas consigo mesmo. Estando em Roma, comentei repetidas vezes, e talvez até já mo tenham ouvido dizer, que por baixo desses arcos, hoje em ruínas, desfilavam triunfantes, vãos, empertigados, cheios de soberba, os imperadores e seus generais vitoriosos. E ao atravessarem aqueles monumentos, talvez baixassem a cabeça com receio de baterem no arco grandioso com a majestade de suas fronteiras. Mas Cristo, humilde, tam-

bém não declara: conhecerão que sois meus discípulos se fordes humildes e modestos.

Queria fazer-vos notar que, depois de vinte séculos, continua a apresentar-se com toda a pujança da novidade o Mandamento do Mestre, que é uma espécie de carta de apresentação do verdadeiro filho de Deus. Ao longo da minha vida sacerdotal, tenho pregado com muitíssima freqüência que, desgraçadamente para muitos, esse mandamento continua a ser novo, porque nunca ou quase nunca se esforçaram por praticá-lo. É triste, mas é assim. E não há dúvida nenhuma de que a afirmação do Messias ressalta de modo terminante: nisto vos conhecerão, em que vos amais uns aos outros! Por isso, sinto a necessidade de recordar constantemente essas palavras do Senhor. E São Paulo acrescenta: “Levai uns os fardos dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gal 6, 2).

Momentos perdidos, talvez com a falsa desculpa de que te sobra tempo... Se há tantos irmãos, amigos teus, sobrecarregados de trabalho! Com delicadeza, com cortesia, com o sorriso nos lábios, ajuda-os de tal maneira que seja quase impossível que o notem; e que nem se possam mostrar agradecidos, porque a discreta finura da tua caridade fez com que ela passasse despercebida.

Não tinham tido um instante livre, argumentariam aquelas infelizes que vão com as lâmpadas

vazias. Aos operários da praça, sobra-lhes a maior parte do dia, porque não se sentem obrigados a prestar serviço, embora a procura do Senhor seja contínua e urgente desde a primeira hora. Aceitamo-la nós, respondendo *sim*, e suportemos por amor — que já não é suportar — “o peso do dia e do calor” (Mt. 20, 12).

Render para Deus

Consideremos agora a parábola daquele homem que, “estando para empreender uma viagem, chamou os seus servos e lhes entregou os seus bens” (Mt. 25, 4). Confia a cada um uma quantia diferente, para ser administrada na sua ausência. Parece-me muito oportuno repararmos bem na conduta daquele que recebeu um talento: comporta-se de uma forma que se poderia chamar esper-teza de matuto. Pensa, raciocina com aquele cé-rebro pequenino, e decide: “Cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor” (Mt. 25, 18).

Que ocupação escolherá depois este homem, se abandonou o seu instrumento de trabalho? Decide irresponsavelmente optar pela comodidade de devolver só o que lhe entregaram. Dedicar-se-á a matar os minutos, as horas, os dias, os meses, os anos, a vida! Os outros afadigam-se, negociam, empenham-se nobremente em restituir mais do que receberam. Aliás, o legítimo fruto, porque a re-

comendação foi muito concreta: *negotiamini dum venio* (Lc 19, 13), encarregai-vos deste trabalho para conseguirdes algum lucro, até que o dono regresse. Mas este não; este inutiliza a sua existência.

Que pena viver, tendo como ocupação matar o tempo, que é um tesouro de Deus! Não há desculpas para justificar essa atuação. “Que ninguém diga: só tenho um talento, não posso ganhar nada. Também com um só talento podes agir de modo meritório” (São João Crisóstomo, *In Math. Hom.*, 78, 3). Que tristeza não tirar proveito, autêntico rendimento, de todas as faculdades, poucas ou muitas, que Deus concede ao homem para que se dedique a servir as almas e a sociedade!

Quando o cristão mata o seu tempo na terra, coloca-se em perigo de *matar o seu Céu*, se, pelo seu egoísmo, se retrai, se esconde, se despreocupa. Quem ama a Deus não se limita a entregar o que tem, o que é, ao serviço de Deus: dá-se ele mesmo. Não vê — em perspectiva rasteira — o seu eu na saúde, no nome, na carreira.

Meu, meu, meu. . ., pensam, dizem e fazem muitos. Que coisa tão triste! Comenta São Jerônimo que “verdadeiramente o que está escrito: ‘para procurar desculpas para os seus pecados’ (Ps 140, 4), acontece com estas pessoas que, ao pecado da soberba, acrescentam a preguiça e a negligência”

(*Commentariorum in Matthaeum libri IV, IV. Corpus Christianorum LXXVII, 241*).

É a soberba que conjuga continuamente esse *meu, meu, meu...* É um vício que converte o homem numa criatura estéril, que anula as ânsias de trabalhar por Deus e que o leva a desaproveitar o tempo. Não percas a tua eficácia, aniquila antes o teu egoísmo. A tua vida para ti? A tua vida para Deus, para o bem de todos os homens, por amor ao Senhor. Desenterra esse talento! Torna-o produtivo, e saborearás a alegria de saber que, neste negócio sobrenatural, não interessa que o resultado não seja, na terra, uma maravilha que os homens possam admirar. O essencial é entregar tudo o que somos e possuímos, procurar que o talento renda e empenhar-nos continuamente em produzir bom fruto.

Deus concede-nos talvez um ano mais para O servirmos. Não penses em cinco, nem em dois. Pensa só neste: em um, no que começamos. E entrega-o, não o enterres! Esta há de ser a nossa determinação.

Junto da vinha

“Havia um pai de família, que plantou uma vinha, e a cercou com uma sebe, e cavou nela um lagar, e edificou uma torre (Is 5, 1-2), e arren-

dou-a a uns lavradores, e ausentou-se daquela região” (Mt. 21, 33).

Gostaria de que meditássemos nos ensinamentos desta parábola, do ponto de vista que nos interessa agora. A tradição viu neste relato uma imagem do destino do povo eleito por Deus; e ensinou-nos sobretudo como, a tanto amor por parte do Senhor, correspondemos nós, os homens, com a infidelidade, com a falta de gratidão.

Pretendo concretamente deter-me nesse *ausentou-se daquela região*. E chego logo à conclusão de que nós, os cristãos, não devemos abandonar esta vinha em que o Senhor nos colocou. Temos de empregar as nossas forças nesta tarefa, dentro da cerca, trabalhando no lagar e, acabada a jornada, descansando na torre. Se nos deixássemos arrastar pelo comodismo, seria o mesmo que responder a Cristo: olha que os meus anos são para mim, não para Ti. Não quero decidir-me a tratar da tua vinha.

O Senhor ofereceu-nos a vida, os sentidos, as potências, graças sem conta. E não temos o direito de esquecer que somos um operário, entre tantos, nesta fazenda em que Ele nos colocou, para colaborar na tarefa de dar alimento aos outros. Este é o nosso lugar: dentro destes limites. Aqui temos nós de nos gastar diariamente com Ele, aju-

dando-O no seu trabalho redentor (cfr. Colos. 1, 24).

Deixai-me que insista: o teu tempo para ti? O teu tempo para Deus! Pode ser que, pela misericórdia do Senhor, esse egoísmo não tenha entrado de momento na tua alma. Digo-te isto desde já, para que estejas prevenido se porventura alguma vez sentes que teu coração vacila na fé de Cristo. Para então, peço-te — pede-te Deus — que sejas fiel no teu empenho, que domines a soberba, que submetas a imaginação, que não te deixes ir para longe, por leviandade, que não desertes.

Sobrava todo o dia, àqueles jornaleiros que estavam no meio da praça; queria matar as horas, o servo que escondeu o talento na terra; vai para outro lado, aquele que se devia ocupar da vinha. Todos demonstram a mesma insensibilidade perante a grande tarefa que a cada um dos cristãos foi encomendada pelo Mestre — a de nos considerarmos e comportar-nos como instrumentos seus, para corredimir com Ele; e a de consumirmos toda a vida no alegre sacrifício de nos entregarmos pelo bem das almas.

A figueira estéril

Também é São Mateus quem nos conta que certa vez voltava Jesus de Betânia com fome (cfr.

Mt 21, 18). A mim, Cristo comove-me sempre, particularmente quando vejo que, sendo perfeito Deus, é também Homem verdadeiro, perfeito, para nos ensinar a aproveitar até a nossa indigência e as nossas debilidades naturais e pessoais, a fim de que nos ofereçamos integralmente — tal como somos — ao Pai, que aceita com gosto esse holocausto.

Tinha fome! O Criador do universo, o Senhor de todas as coisas padece fome! Senhor, agradeço-Te que — por inspiração divina — o escritor sagrado tenha deixado esse sinal nesta passagem, como um pormenor que me obriga a amar-Te mais, que me ensina a desejar vivamente a contemplação da tua Humanidade Santíssima! *Perfectus Deus, perfectus homo*, perfeito Deus e perfeito Homem (Símbolo Atanasiano), de carne e osso, como tu, como eu!

Jesus tinha trabalhado muito na véspera e, enquanto caminhava, sentiu fome. Movido por essa necessidade, dirige-se àquela figueira que, lá adiante, mostra uma esplêndida folhagem. Relata-nos São Marcos que “não era tempo de figos” (Mc 11, 13); mas Nosso Senhor aproxima-se para os colher, sabendo muito bem que nessa estação não os encontraria. E ao comprovar a esterilidade da árvore com aquela aparência de fecundidade, com

aquela abundância de folhas, ordena: “Nunca jamais coma alguém fruto de ti” (Mc 11, 14).

São palavras duras, sim! Nunca jamais nasça fruto de ti! Como ficariam os discípulos, sobretudo ao considerarem que era a Sabedoria de Deus que falava! Jesus amaldiçoa aquela árvore, porque só encontrou aparência de fecundidade, folhagem. Deste modo aprendemos que não há desculpas para a ineficácia. Talvez digam: *Não tenho conhecimentos suficientes...* Não há desculpa! Ou afirmem: *É que a doença...*, *é que o meu talento não é grande...*, *é que não são favoráveis as condições...*, *é que o ambiente...* Também não valem essas desculpas! Ai de quem se enfeita com a folharada de um falso apostolado, ai de quem ostenta a frondosidade de uma aparente vida fecunda, sem tentativas sinceras de conseguir fruto! Parece que aproveita o tempo, que se mexe, que organiza, que inventa um novo modo de resolver tudo... Mas é improdutivo. Ninguém se alimentará com as suas obras desprovidas de seiva sobrenatural.

Peçamos ao Senhor que nos faça almas dispostas a trabalhar com heroísmo fecundo, pois não faltam muitos na terra que, quando as pessoas se aproximam deles, só apresentam folhas — grandes, reluzentes, lustrosas... Só folhagem, exclusivamente, e nada mais. E as almas olham para nós

com a esperança de saciar a sua fome, que é fome de Deus!

Não é possível esquecer que contamos com todos os meios para isso, ou seja, com a doutrina suficiente e com a graça do Senhor, apesar das nossas misérias. Recordo-vos de novo que nos resta pouco tempo — *tempus breve est* (I Cor. 7, 29), porque é breve a vida sobre a terra — e que, tendo aqueles meios, não necessitamos senão de boa vontade para aproveitar as ocasiões que Deus nos concedeu. Desde que Nosso Senhor veio a este mundo, iniciou-se “a era favorável, o dia da salvação” (II Cor 6, 2), para nós e para todos. Que nosso Pai Deus não tenha que dirigir-nos a censura que já manifestou pela boca de Jeremias: “No céu, o milhafre conhece a sua estação; a rola, a andorinha e a cegonha observam o tempo das suas migrações; mas o meu povo não conheceu o juízo do Senhor” (Ierem 8, 7).

Não existem datas más ou inoportunas. Todos os dias são bons para servir a Deus. Só surgem os dias maus quando o homem os malogra com a sua falta de fé, com a sua preguiça, com a sua inércia, que o inclinam a não trabalhar com Deus e por Deus. “Bendirei o Senhor em qualquer ocasião!” (Ps 33, 2). O tempo é um tesouro que passa, que se escapa, que corre pelas nossas mãos como a água pelas penhas altas. Ontem já pas-

sou, e o hoje está passando. Amanhã será bem depressa outro ontem. A duração de uma vida é muito curta. Mas, quantas coisas se podem realizar neste pequeno espaço, por amor de Deus!

Não nos servirá desculpa alguma. O Senhor foi pródigo conosco. Instruiu-nos pacientemente; explicou-nos os seus preceitos com parábolas e insistiu conosco sem descanso. Como a Filipe, pode perguntar-nos: “Há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conhecestes?” (Ioh 14, 9). Chegou o momento de trabalhar de verdade, de ocupar todos os instantes da jornada, de suportar — com gosto e com alegria — “o peso do dia e do calor” (Mt 20, 12).

Nas coisas do Pai

Penso que nos ajudará a terminar melhor estas reflexões uma passagem do Evangelho de São Lucas, no capítulo segundo. Cristo é uma criança. Que dor a de sua Mãe e a de São José, porque — no regresso de Jerusalém — não vinha entre os parentes e os amigos! E que alegria quando o enxergam, já de longe, doutrinando os mestres de Israel! Mas reparemos nas palavras, aparentemente duras, que saem da boca do Filho, ao responder a sua Mãe: “Por que me buscáveis?” (Lc 2, 49).

Não era razoável que O procurassem? As almas que sabem o que é perder Cristo e encontrá-Lo,

podem compreender isto... “Por que me buscáveis? Não sabíeis que devo ocupar-me nas coisas de meu Pai?” (Lc 2, 49). Porventura não sabíeis que devo dedicar totalmente o meu tempo ao meu Pai celestial?

Este é o fruto da oração de hoje: que nos convençamos de que o nosso caminhar na terra — em todas as circunstâncias e em todas as épocas — é para Deus; que é um tesouro de glória, um tran-sunto, um reflexo, do Céu; que é, nas nossas mãos, uma maravilha que temos de administrar, com sentido de responsabilidade perante os homens e perante Deus, sem que seja necessário mudar de estado, no meio da rua, santificando a nossa profissão ou o nosso ofício, a vida de família, as relações sociais e todas as atividades que à primeira vista parecem terrenas.

Quando tinha vinte e seis anos e percebi em toda a sua profundidade o compromisso de servir o Senhor no Opus Dei, pedi-Lhe com toda a minha alma oitenta anos de gravidade. Pedia mais anos ao meu Deus — com ingenuidade infantil de principiante — para saber utilizar o tempo, para aprender a aproveitar cada minuto a seu serviço. O Senhor sabe conceder essas riquezas. Talvez tu e eu cheguemos a poder dizer: “Entendi mais que os anciãos, porque observei os teus preceitos” (Ps 118, 100). A juventude não há de

ser sinônimo de despreocupação, assim como pentear cãs não significa necessariamente prudência e sabedoria.

Vamos juntos à presença da Mãe de Cristo. Nossa Mãe, tu que viste crescer Jesus, que O viste aproveitar a sua passagem entre os homens: ensina-me a utilizar os meus dias em serviço da Igreja e das almas. Mãe boa, ensina-me a ouvir, no mais íntimo do meu coração, como uma censura carinhosa, sempre que for necessário, que o meu tempo não me pertence, porque é do Pai Nosso que está nos Céus.

ÍNDICE

PARA QUE TODOS SE SALVEM	7
O fermento e a massa	8
Fainas de pesca	10
Os milagres repetem-se	13
Apostolado na vida corrente	16
As almas são de Deus	19
Audácia para falar de Deus	20
O TESOURO DO TEMPO	27
Desde a primeira hora	31
Render para Deus	35
Junto da vinha	37
A figueira estéril	39
Nas coisas do Pai	43